

**Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – FAAC
Departamento de Comunicação Social – DCSO
Curso de Jornalismo
Lucas Janini Ferreira (141033011)**

Lucas Janini Ferreira

**A CANÇÃO DE QUEM NÃO TEM VOZ – UMA GRANDE REPORTAGEM SOBRE
OS PERSONAGENS DE MUSICAIS COMO REPRESENTAÇÕES DE INDIVÍDUOS
INVISÍVEIS SOCIALMENTE**

**Bauru – SP
2017**

Lucas Janini Ferreira

A CANÇÃO DE QUEM NÃO TEM VOZ – UMA GRANDE REPORTAGEM SOBRE OS
PERSONAGENS DE MÚSICAS COMO REPRESENTAÇÕES DE INDIVÍDUOS
INVISÍVEIS SOCIALMENTE

Relatório do Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado ao Departamento de Comunicação
Social (DCSO), da Faculdade de Arquitetura,
Artes e Comunicação – FAAC - UNESP Bauru-
SP, para obtenção do título de Bacharel em
Jornalismo.

Orientação: Prof^a. Adj. Maria Cristina Gobbi.

Bauru – SP
2017

RESUMO

“A Canção de Quem não tem Voz” é uma grande reportagem para veículo impresso, que procura investigar as nuances por trás dos espetáculos Musicais, discutindo em paralelo, a produção desse gênero em campo nacional e os personagens como metáforas para grupos sociais. A música e a dramaturgia são manifestações artísticas utilizadas desde os tempos mais remotos para expressão de sentimento, discussão de ideias e construção da identidade cultural de uma determinada sociedade. Nesse contexto, existem gêneros que unem essas atividades artísticas, como os Musicais, que mesclam o exercício da interpretação com a vocalização de canções. Os enredos desses espetáculos narram grandes jornadas de superação e aceitação, colocando nos protagonistas, características que a sociedade costuma condenar de diversas formas. Além disso, é possível explorar, nos Musicais, questões de gênero, raciais, sociais, políticas e sexuais, que são tratadas através de metáforas e composições.

Palavras-chave: Musical no Brasil, Teatro Musical, Personagens de musicais, Broadway, Jornalismo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
1.1 Justificativa.....	4
1.2 Objetivos.....	5
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	7
2.1 Justificativa do gênero e formato escolhido	7
2.2 Revisão dos conceitos que nortearam as escolhas na realização e finalização do produto...8	
2.3 Quadro de Referências das técnicas jornalísticas empregadas.....	9
3. PLANEJAMENTO DO PRODUTO JORNALÍSTICO	10
4. METODOLOGIA E EXECUÇÃO.....	11
4.1 Descrição das atividades empregadas	11
4.2 Descrição do produto final.....	12
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	15
6. BIBLIOGRAFIA.....	17

1. INTRODUÇÃO

Os musicais conquistaram êxito como gênero teatral, firmando-se na dramaturgia e se tornando produtos de entretenimento. Muitos desses espetáculos tiveram seu epicentro em grandes metrópoles como Nova York, na Broadway, e em Londres, no West End. O sucesso das peças, ajudaram a construir franquias lucrativas que invadem e dominam diversas plataformas, como o cinema e a literatura.

Os espetáculos que atraem multidões, narram trajetórias de personagens muitas vezes incompreendidos, excêntricos e de certa forma, pertencentes a grupos de minorias sociais. Desde o clássico *Os Miseráveis*, onde a voz do povo francês do século XIX passou a ecoar pelos teatros do mundo; até grandes alegorias, como no caso de *Wicked*, onde uma bruxa de cor verde enfrenta todos os tipos de preconceito. Desse modo, os musicais mostram através do desenrolar de seus enredos, a canção dos oprimidos. Esse levante atrai espectadores e chama atenção pela mensagem das letras das músicas que empoderam e discutem temas como solidão, preconceito e superação.

Ao redor do globo, esse gênero continua levando as novas gerações aos teatros, e provocando questionamentos. No Brasil não é diferente, uma vez que a produção de musicais continua rendendo bons frutos para os espectadores. Além da montagem de musicais estrangeiros em versões nacionais, o Brasil vem produzindo espetáculos originais que seguem o mesmo modelo: dar o poder do canto para aqueles que não possuem vozes ativas na sociedade.

Entre tantos temas que podem ser discutidos é possível explorar questões de gênero, raciais, sociais, políticas e sexuais de forma muito profunda nos musicais, que transmitem mensagens significativas sobre aceitação e esperança. Exemplos não faltam: *Rent*, *The Rocky Horror Picture Show*, *A Gaiola das Loucas*, *Hairspray*, *A Cor Púrpura*, *Glee*, *Hair*, entre outros. Todos eles trazem no enredo personagens que representam pessoas invisíveis socialmente e debatem temas adjacentes a esse contexto.

1.1 Justificativa

O tema escolhido foi uma forma de unir cultura e questões sociais relevantes, tendo o musical como instrumento para criticar e discutir temas pertinentes. Nesse gênero, os personagens dos espetáculos são representações de indivíduos socialmente oprimidos e excluídos. Por isso, essas obras possuem uma forma própria de abordar certos assuntos, trazendo um preciosismo e uma visão que muitos outros setores artísticos não possuem.

Desde muito novo me interessei pelo gênero e vejo o cuidado que essas obras possuem ao abordar temas relevantes, utilizando metáforas, melodias, composições e histórias ricas em personagens fascinantes. A ideia surgiu quando notei que os protagonistas traziam grandes jornadas de superação e afirmação, possuindo características que costumam colocá-las no centro do julgamento das pessoas.

O formato selecionado foi o de uma grande reportagem, pois oferece espaço e liberdade criativa para abordar o assunto com profundidade e cuidado. O emprego de uma linguagem literária combinou com o tema proposto, podendo extrair uma sutileza necessária para lidar com o tema em pauta. Além disso, com o estilo jornalístico foi possível combinar passagens históricas, informações e referências, com a temática em questão.

O tema do projeto apresenta questões sociais importantes, pois é possível traçar paralelos com os movimentos sociais e culturais que atravessam as décadas, além da representatividade, tão discutida atualmente.

Não somente no âmbito político, mas também no econômico, os musicais possuem destaque, sendo inquestionável o mercado milionário envolvendo a indústria do gênero e seu desenvolvimento crescente no Brasil.

Esse estudo também agrega conhecimento na área acadêmica, fomentando a pesquisa de temas culturais na Unesp, aprimorando o debate da arte como meio de discussão política e social. Além disso, o gênero musical possui diversas vertentes que podem ser aprofundadas e analisadas, e o projeto “A Canção de Quem não tem Voz” visa, além de tudo, fazer isso e produzir conhecimento nessa área.

1.2 Objetivo

A proposta foi produzir uma grande reportagem para o meio impresso, discorrendo sobre os personagens de musicais como representações de indivíduos invisíveis socialmente. O produto buscou trazer abordagens e visões que explorem e tracem paralelos com a sociedade atual, discutindo assim, questões como representatividade e preconceito, usando como base os musicais, uma vez que os personagens dessas obras possuem características que costumam colocá-las no centro do julgamento da sociedade.

O objetivo de elaborar uma pesquisa e um levantamento sobre fatos relacionados a esse universo foi cumprido, assim como a descrição de fatos e pontos essenciais do gênero. Com base nessa pesquisa e com entrevistas feitas com profissionais da área (atores, roteiristas,

músicos e produtores), a grande reportagem abordou o tema proposto e discorreu sobre suas ramificações, consequências e desdobramentos no cenário cultural.

Outro objetivo concluído foi o de ir a campo e assistir diversas peças musicais, confirmando e complementando as informações ditas pelos entrevistados.

Através da grande reportagem, foi exemplificado e indicado (com diversos exemplos) como os musicais representam uma parcela significativa da população, que muitas vezes permanece calada politicamente devido a preconceitos e segregações. Nesse contexto, o musical surge como uma maneira artística de manifestação e de explorar os sentimentos de indivíduos que muitas vezes não são representados devidamente, seja pela mídia ou pela constituição.

“A Canção de Quem não tem Voz” teve como objetivo mostrar o motivo pelo qual o gênero musical atua na representatividade através das décadas e os fatores para isso acontecer, explorando as raízes de seu surgimento e desenvolvimento. Desde sua origem, os espetáculos contaram com uma conectividade direta com o público, e tal característica foi assumindo novos contornos ao longo dos anos.

Todas essas circunstâncias foram levadas em consideração na construção da grande reportagem, abarcando o objetivo de discutir as ferramentas e os motivos pelos quais o musical se relaciona com essas figuras sociais, dando voz a elas e as representando perante ao público.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Justificativa do gênero e formato escolhido

A escolha por uma grande reportagem se tornou plausível, pois esse gênero é um instrumento aperiódico de veiculação de informação e conteúdo jornalístico. Por isso, é possível explorar a temática sem ficar preso a coberturas jornalísticas diárias desses espetáculos que, de modo geral, visam fazer uma análise superficial dos musicais. A grande reportagem, assim, preencheria lacunas, aprofundaria em particularidades e traria uma nova visão para o tema, uma vez que a reportagem, segundo Chaparro:

Vai além das fronteiras da notícia e dos saberes nela contidos, para desvendamentos, complementações, polêmicas ou elucidações que tornam mais ampla e mais complexa a atribuição de significados a acontecimentos em processo de ocorrência ou a situações de grande relevância. (CHAPARRO, 2008, p.182)

Essencialmente jornalístico, a reportagem para Chaparro é uma extensão narrativa da notícia, trazendo complemento e profundidade. Essa é uma das propostas de “A Canção de Quem não tem Voz”: oferecer um produto jornalístico de qualidade que brinda o leitor com uma visão única sobre o tema proposto.

A maneira com que a narrativa é construída também foi usada para transmitir as informações ao leitor de forma literária, contando a história de maneira fluida e prazerosa. Como referencial teórico de grandes reportagens, foi usado o livro *O Olho da Rua* de Eliane Brum, uma vez que apresenta uma série de bons exemplos de grandes reportagens.

Além da técnica de escrita, foram usadas formas de apuração que levantam informações essenciais, histórias interessantes e dados que deixam a análise do tema ainda mais profunda e completa. Muita dessa apuração foi feita através do referencial teórico temático e posteriormente de uma imersão no campo de estudo, assistindo peças, entrevistando pessoas ligadas, etc. Esse processo foi de extrema importância, como salienta o jornalista Eduardo Belo, em *Livro Reportagem*:

Detalhes, informações relevantes ou surpreendentes, curiosidades, tudo vai surgindo conforme a apuração aprofunda-se. Mergulhar na história é quase fazer parte dela. Funciona muito bem quando o jornalista se aproxima do objeto do seu relato. Ao tratar de um fato, convém entender qual a conjuntura em que ele se deu, quem são, como agem e vivem os protagonistas. (BELO, 2006, p. 91)

A escolha do formato é justificada, pois o meio impresso ainda é de grande relevância no mercado editorial nacional e publicações voltadas para o jornalismo cultural contribuem ainda mais para o enriquecimento desse modelo. A diagramação procurou deixar o texto visualmente agradável, projetando a reportagem para ser publicada como livreto.

A combinação do gênero e formato visa proporcionar ao leitor uma experiência completa de leitura, visto que as técnicas jornalísticas empregadas foram usadas para tornar o tema em algo palpável e de fácil absorção, transmitindo a ideia central com qualidade e responsabilidade.

2.2 Revisão dos conceitos que nortearam as escolhas na realização e finalização do produto

Para compreender o tema central da grande reportagem, isto é, os musicais e suas nuances, foram usados livros que conceituam o gênero e discorrem sobre sua importância, seu contexto histórico no Brasil e seu desenvolvimento como produto de entretenimento. As obras são: *O Que é o Teatro Musical* de Suellen Ogando; *Panorama do Teatro Brasileiro* de Sábato Magaldi e *A Broadway não é aqui* de Gerson Steves. Nesta última obra, por exemplo, Steves faz um grande estudo sobre a evolução do gênero musical em nosso país: “Uma complexa conjunção de fatores fez com que o atual Teatro Musical produzido no Brasil tenha se tornado menos teatro e mais fenômeno midiático, inserido numa sociedade em que a produção cultural se encontra, cada vez mais, espetacularizada.” (STEVES, 2015, p.141)

Como base para produzir a grande reportagem também foram utilizados livros de jornalistas da área do jornalismo cultural, como Daniel Piza, autor do livro *Jornalismo Cultural* e do jornalismo literário, como Eliane Brum, autora de *O Olho da Rua*. Além de livros teóricos sobre a atividade jornalística em si, como *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*, de Nilson Lage e *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística* de Maria Helena Ferrari e Muniz Sodré.

Para melhor se aprofundar em alguns pontos dos espetáculos, foi incluída também a leitura de obras que deram origem a musicais, como *Os Miseráveis* de Victor Hugo. Na edição usada, o livro traz uma apresentação do filósofo Renato Janine Ribeiro, onde é explicada a importância da obra no intuito de dar voz aos invisíveis sociais:

Analogamente, quando Victor Hugo capta o ódio do pobre, ele não só dá a esse último a dignidade, tão demorada a aparecer, de ser um sujeito cujos olhos, cuja visão da sociedade, contam e têm importância, como também o torna personagem do grande teatro do mundo. Ele passa a ser visto. Passa-se a falar dele. (RIBEIRO, 2012, p.22)

Essa base teórica forneceu informações extras que ajudaram na construção da grande reportagem. Como o produto trouxe conceitos e esclarecimentos sobre a área, as obras usadas funcionaram também como material de pesquisa e estudo temático. Toda essa bagagem de conhecimento contribuiu para a qualidade do texto final, transcrevendo ao leitor a complexidade do tema e informações que por ventura ainda não sejam de seu conhecimento.

2.3 Quadro de Referências das técnicas jornalísticas empregas

Para uma melhor conceituação de reportagem foram usadas as ideias de Sodré e Ferrari: Os autores citam a “Action-story”, isto é a Reportagem de Ação, que narra os acontecimentos de forma movimentada, partindo primeiramente de uma ação para depois descrever os pormenores. Além desse estilo, foi empregada também em “A Canção de Quem não tem Voz”, a “Quote-story”, ou seja, a Reportagem Documental, relatando um assunto de forma documental e acompanhada de pesquisa.

Esses dois estilos em questão foram empregados em momentos diferentes do produto: por se tratar de um texto de fôlego longo, foram utilizados intertítulos para deixarem as informações mais cuidadosamente tratadas e classificadas.

As entrevistas feitas com profissionais da área e conhecedores do tema, propuseram uma visão necessária e importante sobre o gênero abordado na grande reportagem. A visão de quem vive e respira o Teatro Musical, mostrou-se indispensável para esse projeto, como já elucidaram Sodré e Ferrari: “Trazendo a experiência para o presente, o texto intensifica a impressão de realidade, ao mesmo tempo em que compartilha com o leitor a descoberta do caráter do entrevistado.” (SODRÉ; FERRARI, 1986 , p.131)

Com isso, um dos princípios básicos do jornalismo - o de buscar sempre fontes capacitadas - foi concluído e levado em consideração durante todo o processo de concepção da grande reportagem.

Somado a essas técnicas jornalísticas, outras qualidades do jornalismo serviram de norte para a construção do projeto, como a objetividade, clareza e coesão do texto.

Todas essas ferramentas contribuíram para que o projeto tenha se tornado real e condizente com o padrão de qualidade esperado de um texto jornalístico.

3. PLANEJAMENTO DO PRODUTO JORNALÍSTICO

O público alvo é focado em indivíduos que possuam interesses nas áreas de Teatro Musical, dramaturgia, música, teatro, cultura e arte. Porém, a linguagem e as informações apresentadas na grande reportagem não são descritas de forma complicada ou que o leitor precise de um conhecimento prévio para consumi-la. Assim, a grande reportagem pode ser lida por qualquer um que sinta curiosidade ou atração pelo tema ou pelo projeto.

Na linha editorial, o projeto pode ser classificado como jornalismo cultural, podendo ser categorizado até mesmo como um produto de jornalismo especializado, devido ao seu enfoque.

Idealizado para ser publicado no formato de livreto, o projeto seria de circulação restrita na cena cultural e artística, sendo disponibilizado gratuitamente em Teatros, Centros Culturais, Casas de Cultura, casas de espetáculos, museus, escolas de teatro e artes. Nesse sistema, seria necessário o patrocínio de alguma empresa ligada na área ou alguma iniciativa de secretarias ou organizações de cultura que procurem formas de promover o tema.

Entretanto, o conteúdo poderia ser adaptado tranquilamente (mediante a edição) para ser publicação no caderno de cultura de algum jornal ou em revistas especializadas, uma vez que a reportagem foi escrita com todas as qualidades jornalísticas necessárias, com clareza e objetividade. Com a edição, o conteúdo poderia não ser disponibilizado na íntegra, devido ao seu tamanho, sendo levado ao público de forma comercial. Nesse esquema, a grande reportagem seria vendida para o veículo que possuísse interesse em comprar a pauta e publicá-la.

A diagramação da reportagem custou cerca de trezentos reais, enquanto os gastos na gráfica totalizaram duzentos e nove reais, para quatro cópias. Dessa forma, o valor unitário de cada livreto sairia por um preço muito elevado, sendo necessária a impressão de diversos exemplares para que o custo fosse minimizado.

Devido a esse alto valor seria necessário, o já citado, patrocínio ou alguma iniciativa cultural para implementação do projeto, visto que o custo precisaria cobrir as despesas gráficas (diagramação e impressão), além de pagar possíveis viagens para produzir a reportagem, assim como transporte e ingresso em teatros (os valores variam de acordo com o espetáculo e o setor escolhido para assistir).

4. METODOLOGIA DE EXECUÇÃO

4.1 Descrição das atividades empregadas

O primeiro passo para a elaboração da grande reportagem foi uma pesquisa prévia sobre os diversos aspectos do universo dos musicais: estudando a história do gênero; as peças mais importantes e os impactos que geraram na cultura; o desenvolvimento do gênero em solo nacional; além de uma pesquisa dos enredos e da abordagem de temas sociais através dos personagens dos musicais.

Para isso, foi fundamental a leitura do referencial teórico e do estudo de campo. As informações recolhidas foram usadas para deixar o texto final rico e capaz de contextualizar o leitor sobre esse universo.

Somado ao estudo, viagens para São Paulo, com o objetivo de assistir espetáculos, foram cruciais e feitas repetidas vezes; uma vez que a capital paulista é o maior polo de Teatro Musical no Brasil.

A partir de todo esse mergulho no tema, foi produzido um roteiro de entrevistas, levantando fontes que sabiam articular sobre o tema, traziam ideias e apontamentos para o enriquecimento da reportagem. Foi proposital entrar em contato com pessoas diretamente ligadas com a produção dos musicais do Brasil: como atores, compositores e músicos. Dessa forma, as fontes puderam transmitir muito mais do que impressões, mas sim um verdadeiro relato de como é trabalhar e produzir esse tipo de gênero.

Muitas entrevistas foram feitas por e-mail e telefone, através de áudios do WhatsApp, totalizando sete fontes. Nesse contexto, foi extremamente importante o trabalho dos assessores dos artistas, que tornaram possível o contato entre eu e os entrevistados.

Após a pesquisa e a decupagem das entrevistas, a escrita da grande reportagem teve início. Para construir o texto, foi preciso criar uma linha narrativa onde as ideias pudessem ser colocadas de maneira clara e precisa, traçando paralelos entre os personagens, suas metáforas e alegorias com a sociedade. A grande reportagem ainda se preocupou em trazer os êxitos do gênero no Brasil e no mundo, amarrando todas essas ideias de forma coesa.

O produto final foi separado em 4 grandes partes (chamadas de ‘atos’ para fazer uma referência aos espetáculos teatrais), dando destaque para determinado enfoque sobre o tema em cada bloco de texto. Dessa forma, a linguagem, voltada para a literária, visou prender o leitor no fluxo narrativo da reportagem, mesclando o universo particular de cada peça com a realidade fora dos palcos.

Após escrita, a grande reportagem foi diagramada por um profissional da área de design, combinando recursos gráficos e imagens, com o texto. Esse processo procurou tornar a leitura em uma experiência mais completa e agradável. Já as fotografias que ilustram o produto, foram escolhidas para complementar as ideias expostas e transportar os assuntos discutidos para o visual.

4.2 Descrição do produto final

A grande reportagem, além de todo comprometimento com informações técnicas e assertivas sobre o universo dos musicais, também contou com um cuidado redobrado para deixar o texto atrativo e leve.

Para tornar a leitura em uma experiência prazerosa, a reportagem foi montada sobre uma linha narrativa que começa a ser tecida a partir do espetáculo que esteve em cartaz no ano de 2017, no Teatro Renault, e segue com as reflexões feitas pelos entrevistados: elas discutem o motivo dos musicais terem tido sucesso como gênero e quais as possíveis razões para os espetáculos terem absorvido a figura do oprimido como protagonista. Seguindo, é apresentado o surgimento histórico do gênero, sua transformação através dos séculos até o Teatro Musical como conhecemos hoje. Finalizando a primeira parte da reportagem, foram elencados musicais que usaram a Broadway como palco para reivindicações políticas (como *Of Three I Sing*, *Urinal*, *HAIR* e *Hamilton: An American Musical*) e peças que enfrentaram o sistema vigente, como *Roda Viva*, de Chico Buarque, que bateu de frente com a Ditadura Militar, no Brasil.

No segundo ato da reportagem, conhecemos mais profundamente o papel do ator e sua conexão com os personagens, e como essa relação potencializa a comunicação com o público. Além disso, são tratados temas como racismo e direitos LGBTQ+ sob a perspectiva dos musicais, e como eles contribuíram para a discussão dessas pautas na sociedade. São citadas peças como *WICKED*, *A Cor Púrpura*, *Hairspray*, *A Gaiola das Loucas*, *YANK!*, *RENT* e *The Rocky Horror Picture Show*, que exploram essas temáticas em seus enredos.

No terceiro ato de “A Canção de Quem não tem Voz”, o enfoque é dado para produções originais nacionais, mostrando a força do gênero no Brasil e como ele se associa com a temática de dar voz para aqueles que muitas vezes são silenciados. Nessa parte, foi feita a exposição de quatro espetáculos nacionais que exemplificaram a temática do projeto, sendo eles: *Lembro Todo Dia de Você*; *O Príncipe Desencantado*; *O Som e a Sílabas* e *Luz Negra*. Todas essas obras, colocam no palco personagens que cantam sobre dores e inseguranças ao portarem (e se

comportarem) de maneira, muitas vezes, “condenável” pelos padrões pré-estabelecidos de modelos de conduta.

No quarto e último ato, foram apresentadas as novidades do gênero para 2018, indicando as montagens que acontecerão no Brasil e o que esperar do cenário nos próximos meses. Além dessas informações, a ideia central do projeto é concluída e finalizada.

A diagramação seguiu o modelo de formato dos Playbills (tradicionalis livretos da Broadway), como uma maneira de transportar o leitor para o universo dos musicais e trazer um pouco dessa tradição do gênero. Como se trata de uma grande reportagem para o meio impresso, o próprio formato foi pensado para ser uma experiência em si, fator que o leitor não teria através do meio digital.

Além de tornar palpável um dos elementos mais tradicionais do Teatro Musical, a diagramação ainda contou com outro fator interativo: foram inseridos quatro *QR Codes* - códigos lidos através de smartphones que redirecionam o usuário para uma página específica. No caso dos códigos selecionados, o leitor será redirecionado para vídeos de apresentações dos musicais citados na página onde o código estiver.

No *grid* do livreto, foi escolhido uma diagramação *clean*, fazendo uso do branco e de colunas simples para deixar a informação organizada e bem disposta durante as páginas. Como inspiração para o desenvolvimento do *grid*, foi usada a revista Rolling Stone, exemplo de jornalismo cultural e de entretenimento, que utiliza de uma diagramação simples, com fotos grandes para completar as informações descritas.

Devido ao grande volume de texto, a reportagem foi dividida em quatro partes, ou ‘atos’, facilitando a leitura. Além dessas partes, foram usados intertítulos, deixando o leitor ter um respiro entre os blocos de texto.

Embora a grande reportagem possua esses intertítulos, a narrativa foi mantida e o cuidado para que o texto permanecesse fluido foi redobrado durante todo o projeto.

Foram escritos também 3 boxes com informações adicionais ao tema e que complementam a ideia central do projeto. O primeiro box explorou musicais que trazem diferenças culturais como tema; o segundo discutiu a importância do seriado GLEE e como ele debateu a posição de jovens excluídos da sociedade; no terceiro foi contada a história da atriz Judy Garland, intérprete de diversos musicais hollywoodianos que possui uma trágica história de vida ligada a violência contra a mulher.

Todas essas ideias são amarradas entre si e compõe “A Canção de Quem não tem Voz”, mostrando como esse gênero aborda temas sociais e debate questões importantes através das décadas. Como manifestação artística, os musicais levam a questão de representatividade a um

nível diferente do que outras plataformas estão acostumadas, representando uma parcela da população que ainda precisa lutar muito para conseguir ter uma voz ativa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O produto foi idealizado com o propósito de colocar uma lupa sobre o gênero musical e discuti-lo através de temas atuais, traçando paralelos com o passado e a formação do Teatro Musical no Brasil. A partir da história do gênero e de obras importantes, foi construída toda a narrativa da grande reportagem, agregando fatores e mostrando diversas peculiaridades e curiosidades desse universo específico.

“A Canção de Quem não tem Voz” também se propôs a tratar de temas sensíveis, buscando trabalhar com o sentimento do leitor ao conduzi-lo pela narrativa, que mescla informações, opiniões, histórias e aprofundamentos diversos sobre o tema.

Através de fontes que trabalham com o Teatro Musical, a reportagem mostrou uma contextualização necessária e trouxe dos bastidores esses profissionais, explorando suas ideias sobre o tema e os apontamentos de alguém que está diretamente ligado ao gênero.

As principais dificuldades na construção do projeto, foram relacionadas principalmente nos momentos de conseguir acesso aos bastidores ou a coberturas, que de modo geral só são abertas para grandes veículos - a divulgação dos espetáculos é feita estrategicamente, sendo aberta à imprensa em momentos pré-definidos, tornando o acesso difícil para terceiros, principalmente em caso de peças franquizadas e estrangeiras.

Alguns artistas também foram, de certa forma, inacessíveis, não retornando contato nem mesmo através da assessoria. Por isso, algumas fontes que estavam em meu roteiro inicial de entrevistados não puderam ser concluídas.

Como desafios para a execução do projeto se destacam o cuidado de criar uma linha narrativa que discorresse sobre o tema de maneira coesa e sem cair em uma explicação demasiadamente cansativa ou redundante, sobre o assunto. Além dessa atenção redobrada para conduzir a grande reportagem, outro desafio foi ligado aos cuidados gráficos: com o recesso de final de ano muitos processos referentes ao produto tiveram que ser adiantados para que o produto pudesse sair da gráfica pronto e na data estipulada.

Como contribuições, o projeto ajuda a fomentar discussões nos campos da arte, cultura, dramaturgia e teatro, dando evidência principalmente para um tema ainda embrionário em estudos acadêmicos, como o Teatro Musical.

Além disso, “A Canção de Quem não tem Voz” mescla o campo do gênero musical com discussões comuns da sociedade brasileira atual, como representatividade, preconceito, movimentos sociais e das minorias. Toda essa construção de ideias comprova a influência que

a cultura possui sobre a sociedade e como a arte atua tanto como um reflexo, como um fator de contravenção das nossas tradições.

Além dos recortes que podem ser feitos, é possível também traçar paralelos com particularidades de sentimentos dos seres humano, como inseguranças, a solidão, a resiliência, a superação e o papel que cada pessoa ocupa na sociedade segregada em que vivemos.

Referente a produção jornalística, o projeto desponta como mais uma contribuição para o jornalismo cultural, procurando sempre reforçar a importância da especialização nessa área e de como os jornalistas tem papel fundamental na discussão sobre arte e cultura, em nosso país.

Como um produto que contribui para a construção de conhecimento do leitor e também para o seu divertimento, “A Canção de Quem não tem Voz” é um trabalho que narra os caminhos do gênero musical e como as suas obras marcam gerações, transgridem padrões, e revolucionam espaços. Através do estudo dessa manifestação artística foi possível explorar diversos aspectos da sociedade e contribuir para a discussão de temas atuais sobre uma ótica diferente daquela normalmente apresentada pela mídia tradicional.

Mesclando música e cultura, política e fantasia, os musicais conquistaram sua importância como gênero de sucesso e continuará se reinventando e se modificando, deixando sempre um legado imaterial, o qual esse projeto buscou analisar e homenagear, oferecendo um produto jornalístico diferenciado e de qualidade.

5. BIBLIOGRAFIA

BELO, Eduardo. **Livro Reportagem**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BRUM, Eliane. **O Olho da Rua**. 1.ed. São Paulo: Globo, 2008.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques D'aquém e D'além Mar**: Travessias para uma Nova Teoria de Gêneros Jornalísticos. 1.ed. São Paulo: Summus, 2008

HUGO, Victor. **Os Miseráveis**. 4.ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2012.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MAGALDI, Sábato. **Panorama do Teatro Brasileiro**. 5.ed. São Paulo: Global, 2001.

OGANDO, Suellen. **O Que é o Teatro Musical** – Uma Perspectiva da História do Teatro Musical. 1.ed. São Paulo: Giostri, 2016.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2003

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

STEVES, Gerson. **A Broadway não é aqui** – Panorama do Teatro Musical no Brasil. 1.ed. São Paulo: Giostri, 2015.

Sites consultados (por ordem alfabética):

A BROADWAY É AQUI. Disponível em: <https://abroadwayequi.com.br/> Acesso em: set de 2017.

ACERVO DIGITAL. Disponível em: < <https://acervodigital.unesp.br/> >. Acesso em: set de 2017.

BROADWAY. Disponível em: <<https://www.broadway.com/>>. Acesso em: out de 2017.

CENA MUSICAL. Disponível em: <<http://www.cenamusical.com.br/>>. Acesso em: out de 2017.

MIGUEL FALABELLA. Disponível em: <<http://miguelfalabella.com.br/>>. Acesso em: set de 2017.

MOELLER BOTELHO. Disponível em: <<https://moellerbotelho.com.br/>>. Acesso em: nov de 2017.

PLAYBILL. Disponível em: <<http://www.playbill.com/>>. Acesso em: set de 2017.

RENAULT. Disponível em: <<https://www.renault.com.br/universo-renault/teatro-renault.html>>. Acesso em: out de 2017.

THEATER MANIA. Disponível em: <<http://www.theatermania.com/broadway/shows/>>. Acesso em: out de 2017.

VEJA SP. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/blog/dirceu-alves-jr/>>. Acesso em: nov de 2017.

Entrevistas realizadas na reportagem (por ordem de recebimento/realização):

MONTEZ, Diego. Entrevista concedida para Lucas Janini Ferreira, em 3 de outubro de 2017, por e-mail.

TENENTE, Reiner. Entrevista concedida para Lucas Janini Ferreira, em 17 de outubro de 2017, por telefone.

ALFER, Rodrigo. Entrevista concedida para Lucas Janini Ferreira, em 19 de outubro de 2017, por e-mail.

SILVA, Marlos. Entrevista concedida para Lucas Janini Ferreira, em 22 de outubro de 2017, por e-mail.

SASSO, Kiara. Entrevista concedida para Lucas Janini Ferreira, em 23 de outubro de 2017, por e-mail.

MAIA, Fernanda. Entrevista concedida para Lucas Janini Ferreira, em 23 de outubro de 2017, por e-mail.

LEAL, Guilherme. Entrevista concedida para Lucas Janini Ferreira, em 31 de outubro de 2017, por telefone.

BARBOSA, Tiago. Entrevista concedida para o jornalista Dirceu Alves Jr., do blog **Da Plateia**, do site **Veja São Paulo**, em abril de 2016.